

# ANÁLISE SEMIÓTICA DO PERSONAGEM “LUCIRALDO” – “DEUS POR TRÁS DAS CÂMERAS” – E O SIMBOLISMO DO ARQUÉTIPO DE “LÚCIFER” PRESENTE NA CULTURA POPULAR”

*Wellington Nascimento Alves* (UEMS)  
[wellingtonnascimentoalves@hotmail.com](mailto:wellingtonnascimentoalves@hotmail.com)

## RESUMO

Na obra do cartunista Carlos Ruas: “Deus por trás das câmeras”, observamos uma representação do estereótipo de “Lúcifer” pautado no imaginário ocidental. Para realização desta análise utilizaremos os conceitos e metodologias da teoria semiótica, pautadas em Peirce e as ideias de Paul Tillich sobre signo e símbolo. Segundo Peirce (2005), a semiótica pauta-se nos estudos sobre as representações, sobre os dizeres que determinado objeto propõe para determinado público. Observamos que a representação simbólica do “diabo” não é pautada apenas na representação física do personagem com base na tradição ocidental (vermelho, com cifres, rosto horripilante e outros), mas também em determinadas atitudes. O foco deste trabalho é uma leitura da imagem do diabo segundo a versão de Carlos Ruas. Para Eisner (2006, p. 19) “é a memória de um objeto ou experiência gravada pelo narrador fazendo uso de um meio mecânico (fotografia) ou manual (desenho)”, criada no imaginário popular e representada na obra “Deus por trás das câmeras” do Carlos Ruas. Tillich retrata estas representações nas suas pesquisas sobre signo e símbolo, relata esta conexão entre os signos e as interpretações propostas.

**Palavras-chave:**  
Lúcifer. Semiótica. Tiras.

## ABSTRACT

In the work of cartoonist Carlos Ruas: “God behind the cameras” we observe a representation of the “Lucifer” stereotype based on Western imagery. To perform this analysis we will use the concepts and methodologies of the semiotic theory, based on Peirce and Paul Tillich’s ideas about sign and symbol. According to Peirce (2005), semiotics is based on studies about representations, about the statements that a certain object proposes to a certain audience. We observe that the symbolic representation of the “devil” is not only based on the physical representation of the character based on the Western tradition (red, with figures, horrifying face, and others), but also on certain attitudes. The focus of this work is a reading of the devil image according to Carlos Ruas’ version. For Eisner (2006, p. 19) “it is the memory of an object or experience recorded by the narrator using a mechanical (photography) or manual (drawing) medium”, created in the popular imagination and represented in Carlos Ruas’ “God behind the cameras”. Tillich portrays these representations in his research on sign and symbol, reports this connection between signs and the proposed interpretations.

**Keywords:**  
Lucifer. Semiotics. Strips.

## ***1. Introdução***

Na cultura popular podemos observar o uso de símbolos relacionados à religião. O cartunista Carlos Ruas, por exemplo, incorpora em seu personagem esta visão popular da figura de Lúcifer, em sua obra “Deus por trás das câmeras”. A partir do olhar semiótico e a estrutura sobre signo e símbolo desenvolvida por Tillich e Peirce analisaremos essa versão do personagem infernal, ou seja, as estruturas semióticas, históricas e sociais permearam o desenvolvimento de toda pesquisa pautada na análise deste personagem, o chamado Luciraldo do cartunista Carlos Ruas.

O propósito deste trabalho é mostrar as concepções populares de Lúcifer, além de observar como é a representação deste personagem nas tiras.

## ***2. Concepções da semiótica***

Para compreensão das formulações teóricas presentes na linha semiótica, precisamos voltar nosso olhar para as grandes evoluções ocasionadas na Revolução Industrial. A popularização dos recursos tecnológicos trouxe, ao universo da linguagem, novas concepções dela.

As áreas voltadas à comunicação e arte apropriaram-se dos recursos tecnológicos e incorporaram a sua maneira de produzir. Estas incorporações fizeram surgirem novos métodos na disseminação das mensagens, como cita Santaella (2005):

Essa comunicação massiva deu início a um processo que estava destinado a se tornar cada vez mais absorvente: o envolvimento dos signos que constituem a linguagem com novos veículos de divulgação, tornando as diferentes mensagens mais próximas, invadindo ambientes que antigamente não eram destinados a eles. (SANTAELLA, 2005 p. 5-6)

Neste contexto, início do século XXI, observamos que a sociedade emergente é voltada ao imagético, pois a estrutura imagética era com maior circulação e com uma transmissão de mensagem fácil, atraente. Nesse sentido era preciso criar maneiras para realizar as leituras cabíveis. As conexões e facilidades de interpretações das imagens fizeram-nas expandirem exponencialmente.

Santaella (2002, p. 14) refere-se sobre “a proliferação ininterrupta desses signos vem criando cada vez mais a necessidade de poder lê-los, de dialogar com eles em um nível mais profundo do que aquele que nas-

ce da mera convivência e familiaridade”, a estrutura destes signos eram novidades, por isso a necessidade da decifração deste novo.

A leitura de imagens exige uma série de mudanças. Joly (1996) relata sobre esta expansão das imagens e cita que os processos metodológicos de leitura precisavam ser desenvolvidos para que isso não virasse uma “intoxicação”, mas que a relação do interlocutor com o produto fosse de uma leitura crítica.

Ou seja, era necessário criar aportes para compreensão das linguagens emergentes, métodos que facilitariam a absorção dos conceitos disseminados. Surge então a semiótica, no final do século XIX, que teria como objetivo os estudos sobre a evolução dos signos.

### **3. *Linguagem, signo e a semiótica***

Para compreensão dos meios de estudos que a semióticadebruça, precisaremos dar um enfoque nas várias linguagens que a evolução humana criou. Precisamos entender que linguagem é todo processo comunicativo permeado por signos linguísticos. Isto nos leva a entender os vários processos comunicativos e as distinções existentes entre eles.

Peirce (2005, p. 46) relata-nos sobre os signos e sua representatividade: “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, e relata também sobre as condições de significação, sua importância na elaboração do significado. Ou seja, a relação existente entre o significante e o significado.

O signo é a materialidade que poderá ser percebida e decifrada pelos sentidos humanos: ruídos, odores, um tocar de peles, um sabor diferente etc. Igualmente, o signo possui objetivação própria, pois sua função é significar aquilo que é abstrato, ausente ou concreto.

Para melhor compreensão utilizaremos de exemplificações pautadas no estudo de Joly (1996):

O rubor e a palidez podem ser signos de doenças ou de emoção; os sons da língua que ouço são signos de conceitos que aprendi associar a ela; o cheiro de fumaça é sinal de fogo; o cheiro de pão fresco são indícios de uma padaria próxima; a cor cinza nas nuvens é sinal de chuva; assim como certo gesto da mão, uma carta ou um telefonema podem ser sinais de amizade; também posso acreditar que ver gato preto é sinal de azar; o farol vermelho em um cruzamento é sinal de proibição de atravessar o carro; e assim por diante. Vê-se que tudo pode ser signo, a partir do momen-

to em que dele deduzo uma significação que depende de minha cultura, assim como do contexto de surgimento do signo. (JOLY, 1996, p. 32-3)

E a partir destas conceituações voltamos à definição de linguagem, como a união de vários signos com a objetivação de transmitir uma mensagem. Mas o seu sentido não se limita apenas a união de signos, vai além, há uma união de conceitos a estes signos conforme Sousa (2004, p. 1) “as linguagens são compostas de signos percebidos que adquirem sentido ou significação em contato com conceitos, ideias, sonhos e etc”. Ou seja, a linguagem é a constituição de dois níveis: os signos e sua percepção e os conceitos, ideias já adquiridas pelo interlocutor, à união destes dois conceitos dão origem a linguagem. A semiótica utiliza-se destas significações e a variedade de linguagens para o *corpus* de sua teoria. Ela se debruça a pesquisa dos significados que cada linguagem em determinado contexto podem assumir.

Então ela reuniu os signos da linguagem e mesclou com os conceitos históricos, sociais e religiosos e determinou o seu campo de atuação.

A seguir, trataremos da proposta de Paul Tillich sobre os símbolos.

#### **4. Paul Tillich e seus conceitos sobre “sinal e símbolo”:**

Tillich foi um teólogo protestante, que teve como uma de suas pesquisas a conceitualização de signo e símbolo. O autor em questão não cria uma obra específica para dialogar, analisar os conceitos sobre símbolo, mas o faz em consonância com outros temas na sua obra *Teologia da Cultura*.

Segundo Portela (2013, p. 373), “Tillich define, explica e articula seu entendimento de símbolo associando a temas como: distinção entre símbolo e sinal; símbolo e linguagem; religião e símbolo”. Logo, sua obra é recheada de comparações entre as mais diversas áreas.

Nas pesquisas de Tillich, podemos observar esta ânsia na definição e na distinção entre os conceitos, a proporcionalidade simbólica que cada elemento possui perante a sociedade. Segundo Tillich (2009, p. 98), “Os símbolos são semelhantes aos sinais de modo decisivo: ambos indicam alguma coisa fora deles”. Ou seja, ambos os conceitos são representações que vão além do observado, há uma transcendência. Mas esta similaridade esgota-se por aqui, pois suas estruturas são completamente

diferentes, os objetivos são opostos. A partir desta breve contextualização já podemos observar as diferenciações existentes entre os dois.

Quando colocamos o sinal como foco das observações notaram que sua representação não contém o significado. Embora aponte para algo, mas não contém o algo, sua representação é rasa. O símbolo vai contra a ideologia do sinal, ele participa da realidade exposta, é efetivo na significação.

No seu livro *Teologia da Cultura*, Paul Tillich exemplifica esta distinção entre os termos estudados. Para o autor, o sinal ele faz uma exemplificação com a palavra “escrivantina”, daí ele cita que a palavra e o objeto em questão são totalmente diferentes. Ou seja, a palavra indica qualquer objeto que faz a função citada, mas o objeto “escrivantina” é totalmente diferente.

Há nesta exemplificação um parecer que o sinal não contém o objeto, ele apenas indica algo, nomeia. O sinal possui a finalidade de redução para facilitação da comunicação. Já o símbolo tem como estrutura o pertencimento à significação, ao objeto representado. Saussure estudou a representação do signo. O signo, segundo Saussure (2010) era a representação da imagem acústica, não era o objeto, mas sim uma impressão psíquica do objeto.

A pesquisa realizada por Tillich relata que é quase impossível realizar a substituição de um símbolo, pois sua estrutura está enraizada nos conceitos. Segundo Tillich (2009, p. 102), “cada símbolo possui uma função especial própria, incapaz de ser substituída por outros símbolos mais ou menos adequados. Os sinais, diferentemente, podem ser substituídos por outros”.

Como exemplificação da questão simbólica e sua representação podem citar o símbolo religioso: “santa ceia”, cujo pão representa o corpo de Jesus e o vinho o seu sangue. Uma simbologia que vai além de uma representação, mas sim os signos fazem uma integração com o significado.

Outra importante explanação sobre o símbolo é que ele expande a ideia, amplia o significado como cita Tillich (2009):

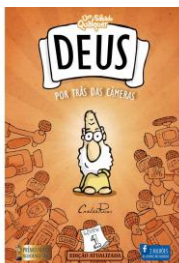
o símbolo participa da realidade que ele simboliza; quem conhece participa do conhecido; o amante participa do amado; [...] o indivíduo participa do destino de separação e culpa; o cristão participa do Novo Ser tal como se manifesta em Jesus Cristo. (TILLICH, 2009, p. 186)

Observamos que o símbolo é ir além, expandir as possibilidades construtivas em volta do significado. Com base neste pequeno contexto voltado as teorias de Tillich serão construídas as análises.

## 5. *Análise do personagem “Luciraldo”, de Carlos Ruas*

Neste quinto item faremos a análise imagética da representação de “Lúcifer”, da representação da maldade. Tomaremos como corpus da análise a obra do cartunista Carlos Ruas “Deus por trás das câmeras”, mais especificamente o personagem Luciraldo.

Figura 1: Obra de Carlos Ruas.



Fonte: Um sábado qualquer<sup>1</sup>.

Luciraldo é a personificação popular do que seria “Lúcifer”, a representação da maldade que este personagem possui, listados na tradição cristã. Mas a partir deste olhar analítico sobre os personagens nos indagamos: Onde surgiu esta mitologia? Quais os aspectos primordiais que deram esta personificação aos aspectos do que seria o mal?

Para responder estes questionamentos precisaremos “mergulhar” nos conceitos históricos. Como primeira sistematização do que seria o “Lúcifer” veio da Idade Média, mais precisamente entre os séculos XII e XIII elaborados por teólogos. Esta análise deu-se, pois o Império fez com que a religião cristã fosse representante do mesmo.

Ou seja, a igreja rotulou tudo que não fosse a favor dos seus preceitos como algo que vinha do “diabo”. Nos relatos tidos deste período não relata que não tenha dito aspectos relacionados ao “diabo” antes da Idade Média, mas que sua importância veio a partir deste período. Pode-

---

<sup>1</sup> Link: <https://www.umsabadoqualquer.com/>

mos usar a exemplificação dos textos bíblicos. O Antigo Testamento cita o personagem “diabo” com características mais pedagógicas.

Igualmente, seu principal “papel” era para educar os cristãos sobre o que poderia ou não fazer segundo a Bíblia. Sua relação não era como um “antideus” como citamos a partir da Idade Média. O diabo teve várias personificações, mas todas elas sempre com um ar de cômico, como um bobo da corte.

A representação deste cômico é dada por Arlequim presente na “Divina Comédia, de Dante Alighieri. Nesta obra podemos notar esta união do diabólico e o cômico no seu personagem. A popularização do personagem “diabo” deu-se a disseminação do cristianismo. Os cristãos foram os que popularizaram este personagem, ou seja, foram a partir das representações nos teatros (gregos e romanos), realizados pela igreja cristã que o papel do “diabo” começou a tomar uma proporção gigantesca. Sua representação ainda era constada como algo subalterno.

Até o século XII o mundo era demasiado encantado para permitir a Lúcifer ocupar todo espaço do medo, do temor ou da angústia. O pobre “diabo” tinha concorrente demais para reinar absoluto, ainda mais porque o teatro do século XII fazia dele uma imagem de paródia ou francamente cômica, retomando o veio popular referente ao Mal ludibriado. (MUCHEMBLED, 2001. p. 31)

Esta ligação que existiam entre a arte, cultura popular e religião começou a preocupar a igreja do período. Pois a arte tinha como papel levar divertimento a população, mas também despertar o pensamento crítico. Com este fortalecimento a igreja começou a se preocupar com esta relação e a partir deste momento resolveu sistematizar uma visão sobre as ações diabólicas. Ou seja, personificou o que seria o mal, as ações malignas. Toda esta personificação era pautada na manipulação da população, no poderio que fora desenvolvido com base nas interpretações dos textos bíblicos. A partir de toda esta conceitualização fora criada uma imagem representativa da malignidade.

Figura 2: Origem do mal.



Fonte: História do mundo<sup>2</sup>.

Com base nas concepções históricas do “mal” o cartunista Carlos Ruas cria um personagem denominado Luciraldo, uma representação deste “diabo” da cultura popular.

Figura 3: Luciraldo.



Fonte: Um sábado qualquer.

Observamos as mesmas características denominadas na Idade Média: um personagem vermelho, com cifes, com o corpo que possui a metade de um bode e pratica a maldade. Carlos Ruas brinca até com a questão cômica que é representada nos teatros do século XII.

Figura 4: “Eu sou Lúcifer”



Fonte: Um sábado qualquer.

Na tirinha anterior vemos uma representação de um “diabo” bobo, cômico, onde ele tenta impor uma visão de o rei do submundo, mas é desmoralizado pela sua mãe. Ou seja, o discurso da personagem “mãe” traz uma personificação de bobo da corte assim como era representada nos teatros da Idade Média.

Retomando os conceitos desenvolvidos por Tillich, sobre o símbolo, observamos esta representação de algo que vai além de uma imagem, uma representação focada no não dito. Segundo Baleeiro (2013, p. 44) “O símbolo é a forma como pode ser expresso o incondicional –

<sup>2</sup> <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/a-origem-do-diabo.htm>



aquilo que está no fundamento da existência e do qual falam as religiões”.

As representações do que seriam as mazelas, os conceitos, os valores morais que possuem um prestígio de menor valor perante a sociedade. Muitos pesquisadores relatam que a criação desta figura é relacionada à dualidade existente na vida humana. Como há a personificação do que seria a força positiva, então há a personificação do que seria a força negativa.

E esta personificação é imaginada nesta figura diabólica que o cartunista Carlos Ruas, que com maestria, representa em suas tirinhas.

Figura 4: Personificação do Mal.



Fonte: Um sábado qualquer.

Com base nos conceitos observados, na obra de Ruas<sup>3</sup>, a utilização dos conceitos baseados na doutrina religiosa – o maniqueísmo. Esta filosofia religiosa é construída com base na dualidade: a luz e as trevas. Ou seja, a contraposição entre o que é bom (Deus) e tudo que é mal (diabo).

Em sua obra Carlos Ruas utiliza muito destes conceitos maniqueístas para compor as suas tirinhas. Esta dualidade entre Deus e o diabo é algo pautado muito na sua obra, não apenas na luta entre os dois seres, mas também nas disputas humanas, onde o que há de ruim é uma representação do mal, do diabo e as coisas boas são representações do bem, de Deus.

Carlos Ruas implica na sua obra uma disputa que fora construída desde as concepções, visões que eram contrárias as doutrinas da igreja.

<sup>3</sup> Carlos Ruas – cartunista.

Ou seja, uma filosofia que fora construída com base nesta visão limitada, na visão que o ser humano possui apenas “dois caminhos”, não há as concepções criadas na evolução psíquica do homem.

Figura 5: Visão maniqueísta.



Fonte: Um sábado qualquer.

## 6. Considerações finais

Concluo com a observação entre as concepções do mal e sua representação perante a cultura popular ocidental. As representações simbólicas do “mal” eram, com já foi mencionado, destinados a conceitos contrários as doutrinas da igreja.

Ou seja, tudo que contradizia os preceitos da igreja eram considerados coisas do “diabo”. Com base na observação da teoria do teólogo Paul Tillich observaram as concepções representativas do símbolo e sua importância para o acesso ao objeto significante. Tivemos, a partir dos conceitos expostos, uma base da construção imagética de uma representação do “mal”.

E analisamos, nas obras do cartunista Carlos Ruas, como esta representação imagética ainda é perpetuada até os dias de hoje. Como está a imagem do que seria o mal ainda é pautada na composição de um ser vermelho, com cifres, cauda, metade do corpo de um bode e seu tridente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGALHÃES, A. C. M.; BRANDÃO, E. O Diabo na arte e no imaginário ocidental. In: \_\_\_\_ et al. (Orgs). *O demoníaco na literatura*. Campina Grande. EDUEPB, 2012. (Available from Scielo Books)

RUAS, Carlos. *Deus por trás das câmeras*. São Paulo: Um sábado qualquer, 2018.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte, 2009.